

**EXPEDIENTE.**

Por falta de lugar não publicámos n'este numero o juizo que havemos formado da traducção do livro do principe de Licknowski sobre *Portugal*: — annunciámos porém que elle se acha á venda nas lojas de Plantier, rua do Oiro; de Bordallo, e viuva Henriques, na rua Augusta, e Silva, no Rocio; por 500 rs.

**CONHECIMENTOS UTEIS.**

**BOMBAS HYDROBALISTAS.**

3057 No *Nacional* de Paris de 11 de maio passado se acha a noticia das bombas assim chamadas, e da fabrica de Esttimbaum e C.<sup>a</sup> nos armazens d'exposição e venda, *Boulevard Poissoniere* n.º 28.

Estas bombas, cujo auctor tem privilegio de invenção, apresentam as vantagens seguintes — construcção sólida, sendo a materia bronze ou qualquer outro metal, segundo o para que se destinam: mecanismo simples, inalteravel e sem coiro nem estopa: de facil collocação em todas as alturas; póde usar-se d'ellas repentinamente para os incendios; servem para todas as necessidades domesticas e industriaes; e para esgotamentos e regas.

Preço inferior ao das bombas ordinarias, produzindo com força egual um dobrado volume d'agua.

Emquanto fizermos os trabalhos sómente com braços seremos pobres e não poderemos competir com os que trabalharem com machinas. Os industriosos e homens ricos devem mandar vir estas machinas. As de tirar agua com facilidade dos rios, fontes e poços serão de grande utilidade, e devem quanto fór possível generalisar-se.

(Communicado.)

**UM CAMINHO PARA PROGRESSOS VERDADEIROS NA AGRICULTURA NACIONAL.**

(Carta.)

3058 SENDO de geral interesse, e do maior em quanto a mim, que os progressos da agricultura sejam quanto antes aperfeiçoados, assim pela introdução dos melhores instrumentos de lavoira, com os quaes se façam os trabalhos mais economica e perfeitamente; como pelo systema de alternamentos, e introdução de prados artificiaes, cultura das oliveiras, apanha da azeitona fabrico de bom azeite, o que tudo no Ribatejo se acha no maior atrazo; e sendo os exemplos práticos os unicos meios promptos e seguros; julgo será um grande serviço ao publico fazer-lhe conhecer, o que pessoalmente tenho visto praticado pelo illustre cultivador o Sr. Manuel Maria Holbéche. Mui util seria á agricultura, que o sabio governo, que hoje nos rege, o auxiliasse para então melhor poder desinvolver os seus conhecimentos n'este objecto, e facilitar-se ainda mais aos lavradores do Ribatejo, para elles mesmos verem, e mandarem os mais habeis de seus criados aprender a servirem-se dos diversos instrumentos que lhes são desconhecidos até agora; e egualmente encarregar-se o mesmo Sr. de ensinar os rapazes, que depois possam servir de abogões, de que tanto se percisa.

Este illustre agricultor, apesar dos grandes prejuizos que em memoraveis epochas tem soffrido nos seus rendimentos, como é notorio, tem estabelecido na sua quinta um systema regular de cultura ao qual lhe faltam alguns meios para estar completo. Além do trato

JUNHO — 20 — 1844.

das suas oliveiras, que se acham o melhor possível, produzindo todos os annos com poucas differenças, tem um estabelecimento de turinas, fabrico de manteiga, prados artificiaes, como trevo, esparceto, couves etc. Tem mais uma colleção de instrumentos de lavoira, com os quaes praticamente se reduz a despesa a menos de metade do que era até hoje. D'isto são pregoeiros os meus collegas d'este campo na sementeira d'este anno com o uso dos cultivadores, que o dicto Sr. Holbéche introduziu; e como para semelhante acquisição todo o lavrador tem meios, por ser commoda a factura d'elles, em consequencia d'isso, persuadido de que o conhecimento d'estes factos por mim e por alguém mais presenciados, póde ser de grande utilidade publica; em gratidão ao modo franco com que o dicto benemérito lavrador, não só a mim mas a todos que o teem procurado, facilita todos os seus instrumentos, fazendo-os construir, e mandando os seus mesmos criados para ensinar praticamente o seu uso, me resolvi a escrever esta, que espero do Sr. redactor da *Revista Universal* se digne admittir nas columnas da sua utilissima e instruida obra, pelo que se confessará seu etc. etc.

Azambuja 10 de junho de 1844.

Antonio Fortunato da Silva.

**INDUSTRIA NACIONAL.**

AVISO.

3059 A SOCIEDADE Promotora da Industria Nacional desejando no presente anno, apresentar ao publico uma exposição dos productos de industria portugueza, como já tem feito por outras vezes, e não lhe sendo possível dirigir-se particularmente a cada um dos Srs. fabricantes, artistas, proprietarios d'officinas, laboratorios e curiosos estabelecidos n'este reino, convida por esta fórma a todos em geral, a mandarem até ao dia 20 do proximo mez de Julho, á secretaria da Sociedade no extinto convento dos Paulistas das 10 horas da manhã até ás 2 da tarde, as suas declarações verbaes ou por escripto, pelas quaes se possa ter a certeza de acceitarem este cenvite, e de qual seja a natureza e numero de artefactos, que pertendem apresentar, para em resultado a Sociedade poder annunciar o mez em que a abertura da exposição deva ter lugar, se pelo conhecimento do maior ou menor numero de taes declarações, se poder alcançar uma concorrencia de productos capaz de dar ao acto toda a consideração e interesse.

A Sociedade conhecendo as vantagens, que alguns artistas e fabricantes já tem tirado das ultimas exposições, e considerando o augmento e perfeição a que n'estes ultimos annos tem feito chegar as suas manufacturas, não hesita em esperar, que com a melhor vontade todos se prestarão a tornarem este acto mais pomposo e interessante, e pelo qual lhe deve caber não só muita gloria, como interesse particular, e satisfação para a Sociedade. — Lisboa 16 de junho de 1844.

**MODO DE CONSERVAR A CARNE FRESCA.**

3060 TEMOS apresentado a nossos leitores um grande numero de receitas, para a boa e diuturna conservação de carnes e outros generos animaes comestiveis. Como porém cada uma d'ellas possa ter mais ou menos facil execução, segundo mil circumstancias variaveis, continuaremos a propor quantas nos vierem

ao conhecimento. Eis-aqui uma, inventada por D. Eloy de Vilensuela, parcho de Buncaramanga, na America do Sul.

Mette-se a carne fresca n'uma vasilha de mel, que se revira duas ou tres vezes ao dia. Com isto, por muitos mezes se conserva sã, e até ganha melhor gosto.

#### CIPÓ DE CHUMBO.

(Communicado.)

3061 Esta producção do Brazil, de que hoje se usa em cura de molestias de peito e pulmonares, não apparece á venda em Lisboa; por isso seria muito conveniente que os commerciantes pedissem aos seus correspondentes do Brazil que lhe mandassem esta producção, visto que alguns medicos a teem modernamente empregado com muita vantagem; e até seria muito conveniente que se fizesse uma descripção e analyse d'este producto vegetal.

### VARIEDADES.

#### COMMEMORAÇÕES.

##### A MONTARIA DO PORCO PRETO EM BRAGA.

23 e 24 DE JUNHO.

3062 Fr. Bernardo de Brito na 2.<sup>a</sup> parte da *Monarchia Lusitana*, fallando de S. Victor, ou S. Victouro, e outros sanctos martyres, naturaes de Braga, diz — « e quero advertir de caminho um antigo costume, que dura em nossos tempos na cidade de Braga, conservado (ao que se póde crer) desde estes antigos, ou em memoria do que succedeu ao martyrio dos sanctos, ou por guardar aquelle modo de festa, inda que gentilica, todavia convertida em melhor uso: e é que em vespera de S. João Baptista, se põe acavallo a gente principal da cidade, e passando o rio Deste, juncto ao qual foi o martyrio dos sanctos, e se faziam os jogos e sacrificios de Ceres e Sylvano, fingem que empizam um porco, e gastada a tarde em festas, vão ao dia do sancto pela manhã fazer sua montaria com um porco negro, que lhe lá tem aparelhado, e soltando-o, lhe seguem o alcance, ao som de cornetas e vozes, que representam uma verdadeira montaria, e o vem seguindo contra a cidade todo o tropel de gente; e se ao passar do rio se lança ao váu, e passa pela agua, o dão aos moradores das azenhas, que ha na mesma ribeira, e tomam do a ponte, fica da gente da cidade. »

A este mesmo proposito acrescenta D. Rodrigo da Cunha na sua *Historia Ecclesiastica de Braga*.

« Melhor nos parece que per festejar ao sancto Precursor (o Baptista) ordenavam os antigos de Braga que na sua vespera e dia houvesse verdadeira montaria de muitos porcos montezes, e outras feras, de que juncto á cidade havia grande quantidade por estar toda cercada de espessos bosques, onde se criavam, e multiplicavam com damno dos campos e searas visinhas. Este exercicio, posto que faltaram as feras, e se povoaram os bosques, ficou sempre em uso, fazendo-se em modo de montaria a louvor e honra do sancto. — Tirou-se por alguns

« annos no tempo do illustrissimo senhor D. Affonso Furtado de Mendonça, nosso antecessor, esta fingida montaria, parecendo aos do governo da cidade de que não convinha achar-se sua nobreza n'aquelle tão leve exercicio; mas depois advertindo n'outros costumes, que pelo que tem de antiguidade não só se toleram, mas veneram n'este reino, ordenou que a festa se restituisse outra vez, como em effeito se restituiu. »

#### PASSAR PELO VIME.

3063 Ha um anno, vos descreveu o nosso collaborador e amigo, Silva Tullio, n'um formoso capitulo de saudades, a ritual cerimonia da passagem dos meninos quebrados pelo vime á meia noite de S. João nas hortas da calça da Gloria qual a vira praticar. Aquelles, a quem se accendessem desejos de presenciar esse curioso rito de poetica e immemoravel origem, poderão, cuidamos nós, sem grande custo satisfazer o agora, recorrendo á officiosa hospitalidade do Sr. *Caldas Aulete*, a cuja quinta, de então para cá, se accrescentou a parte do terreno, em que os bentos vimeiros estão plantados.

Na proxima vespera de S. João, não só se fará ahi a costumada passagem pelo vime, mas haverá, segundo se espera, boas fogueiras, bem saltadas e dançadas, musica, talvez fogo de vistas, e sem duvida, concurso folgasão com modestia, como dizem os livros que para tal noite se requer.

O conhecimento, que temos do genio bisarro do Sr. *Caldas*, e do seu provado gosto em conservar, por sua parte, tudo o que nos veio legado dos antigos e não prejudica aos modernos, dão-nos a cuidar que deverá sair a noite ainda mais bella do que a deixamos esboçada.

Do que houver succedido daremos relação de hoje a oito dias.

#### A ALCACHOFRA.

Allez-vous-en avec vos fleurs loutes fanées.

V. H.

3064 ; Florirás? . . . não florirás,

Minha alcachofra gentil?

Florirás, que te floriram

Aguas bemdictas de abril:

Vou queimar-te e requeimar-te,

Minha alcachofra agoireira:

Vou consultar minha sorte

N'esta planta feiticeira.

; Sorte d'amores tão vária,

Quem te dera a meu favor!

; Porque tremo, hesito, ancêo,

Chegando ao lume esta flor?

Meia noite . . . pouco tarda . . .

Duas, tres . . . as doze são . . .

; Arde, flor, que é meia noite,

Em louvor de S. João!

Não ficou das gallas tuas

Uma só: — bem negra estás.

Agora, posta ao relento . . .

; Florirás? . . . não florirás?

Olha que tens entre as cinzas,  
Que ás auras fagueiras lanças  
As esp'ranças no teu seio,  
O meu viver nas esp'ranças.

Tens em ti minha alma toda:  
N'esta noite benta e leda,  
Podes-lhes dar azas d'anjo,  
Ou dar-lhe espantosa queda.

É tarde: vou repousar-me  
D'esta incertesa e terrores:  
Vão talvez surgir-me em sonhos  
Seccos espectros de flores!...

A manhã já vem rompendo...  
Muito depressa... á janella...  
Vejamos se a flor, Sibylla,  
Cinza está ou flor mais bella

; Cinza! só cinza! oh! desdita!...  
; Onde ha flor mais desastrada?  
; Nem sombras d'uma folhinha,  
E, mas ficou bem queimada!

; Cinza só!... que sina triste!...  
Terna esperança mentida,  
Vida me era... ; Ai! céus! agora  
Nem esperança, nem vida!

Mendes Leal Junior.

#### S. JOÃO E A MUSICA.

3065 ; Ha ahí, porventura, alguém que tenha deixado d'ouvir as melodias do insigne Rossini, ou no theatro com toda a pompa da musica, ou nas philharmonicas com toda a boa vontade dos executantes, ou pelas casas de seus amigos com toda a sedução d'uma voz juvenil ou d'uma bella mão saltitando sobre as teclas d'harmonioso piano, ou finalmente nas cordas de impertinente viola acompanhando voz rouquenha que entoava uma modinha de Schioppetta, ou de monotono cavaquinho que passava de noite pelas ruas dando discantes aos cães? De certo não ha ninguem no campo e na cidade, no palacio e na choupana, que não tenha applaudido, rosnado, dançado, gozado das feiticeiras melodias do auctor do *Guilherme Tell*, do compositor mais popular, mais admirado, mais gostado... e mais maltratado (mas com boas intenções) que no mundo tem havido. O que porém ainda não passou pela idéa de pessoa alguma, quando está ouvindo Rossini, enlevando-se em Rossini, ou estropeando Rossini, é que S. João Baptista tem uma parte importantissima — essencial — n'essas torrentes melódicas que o arrebatam.

Pois nada ha mais certo.

Todos esses diferentes sons, que compoem a oitava musica de que se usa na Europa, e que é de todas a mais perfeita, essas vozes pelas quaes nós designamos a escalla diatonica, e com a qual, unicamente, se tem feito todas as maravilhas harmonicas de Mozart, e Meyerbeer: esses nomes *ut, re, mi, fa, sol, la, si*, origem de tantos portentos, são elles mesmos portentos d'uma sancta origem — foram furtados a S. João!

; Sancto tão bem fadado, o mais bemdito dos sanctos, que nos dá a fructa, nos cura as maleitas, nos faz os casamentos, e produziu a musica! ; Que outro

sancto haverá entre a celeste milicia dos sanctos, a quem os homons mais devam por parte dos prazeres? N'uma noite de S. João tudo é seu, elle só faz as honras da festa, e sóinho a preenche folgadoamente até á saciedade. O seu nome está ligado á crepitante fogueira em tórno da qual nos folgamos, á divertida bicha de rabião que menino desinquieto lançou aos pés de preguiçoso gallego, á viçosa alcachofra que a seu sancto fogo se queima para refflorir, e com ella nossas esperanças de amor, aos amantes requebros que se attendem e se dizem com a mente no bemdito sancto que os ouve como orações fervorosas que hade em breve despachar, ao sazornado pómo com que refrigerámos as fauces, á suave fonte cuja lympha gostámos e onde talvez nos vamos mergulhar para refrescarmos o sangue e sermos preservados de lastimosos achaques; ao milagroso vime que cura os meninos enfermos, á abençoada moeda com que esmollámos nosso irmão desvalido, ás mysteriosas sortes que nos prognosticam o nome carinhoso da gentil consorte que o sancto nos destina, ao ovo symbolico a que o fatidico relento tem a virtude de fazer designar o mister em que o futuro marido ganhará o sustento á donzella que o espose, e por ultimo á mesma musica, a cujo som dançamos abraçados com as nossas amadas em ledas coréas á roda da sagrada fogueira!

; Salve, sancto bemaventurado, que conduzes os homons pelo caminho da celeste morada com os singellos brinqueços da candura! Fiquem embora as atterradoras penitencias dos Jeronimos e dos Brunos para a velhice d'aquelles que nos felizes dias da sua mocidade escarneceram dos festejos de S. João, para passarem esse ditoso tempo forjando crimes ou pascendo vicios; — os moços innocentes que amam a S. João, nos seus sanctos festejos ganham a alegria e o céu.  
; Mas como é que S. João foi roubado para nós termos musica? É o que muito em breve vou contar aos que ainda o não sabem. S. João mui pensadamente deixou que lhe furtassem, por que anteviu a infinidade de fruições que d'esse furto proviriam aos homons, e S. João, que não quer senão dar-lhes alegrias, inspirou a um frade (olhae como tudo na musica é ascetico!) chamava-se elle Gui d'Arezzo, e o bom do frade que era tão insigne na virtude como na musica, n'uma occasião que entoava no côro aquelles antigos versos do hymno, que a igreja dedicou a S. João:

*Ut queant laxis resonare fibris*

*Mira gestorum famuli tuorum*

*Solve polluti. Labii reatum*

*Sancte Joannes,*

repentinamente (sem duvida por milagre do sancto) lembrou-se que n'esta strophe tinha elle os nomes das seis notas com que havia muito imaginava compôr a sua escalla ascendente, para reforma do antigo systema musical, cujos elementos difficeis e imperfeitissimos serviam apenas para o *canto-chão*; e foi-se ao hymno do sancto e furtou-lhe o *ut* e *re* do primeiro verso do seu hymno, o *mi* e o *fa* do segundo, e o *sol* e o *la* do terceiro. (Depois accrescentou-se o *si*).

; Ora eis-aqui como S. João tendo-nos dado tanta coisa nos deu tambem a musica! E a nossa camara municipal não lhe quer dar nem ao menos as fogueiras;...

Silva Leal.

**S. JOÃO EM GENOVA.**

3066 ENTRE as muitas tradições cuja origem quasi se perde na escuridão dos tempos, em cuja crença uma cidade ou um povo inteiro tem um poderoso interesse, deve contar-se a que se acha recebida, sem controversia, entre os genovezes, — de que as venerandas cinzas de S. João Baptista se acham depositadas na sua cathedral metropolitana de S. Lourenço.

Fôra por certo difficultosa tarefa o historiar, allegando documentos authenticos, as vicissitudes porque passaram as reliquias do derradeiro martyr da antiga alliança, desde o dia, em que a vista da sua decepada cabeça saciou a sede de vingança da incestuosa concubina de Herodes, até á época, em que na sé de Genova se construiu a opulenta capella que lhe é dedicada, e que se gloria de possuir tão precioso thesouro.

Por outra parte, quaesquer que sejam os fundamentos em que se estriba a persuasão dos pios habitantes da Liguria, achamos mais rasoavel, e por certo menos arriscado, adoptal-a como verdadeira, do que recorrer, para impugnal-a, a uma minuciosa e severa critica, por isso que n'este caso não se tracta de algum d'aquelles artificiosos e interessados embustes, ácerca dos quaes, até para bem da religião, convém esclarecer os espiritos propensos a uma cega credulidade, taes como os muitos com tanto rigor de logica e amenidade de estylo signalados pelo eruditissimo Benedictino Feijoo no seu theatro critico universal.

Pertendem pois os genovezes (e nós não exigiremos agora que d'isso exhibam as provas) que a aquisição por elles feita das sagradas reliquias do Baptista, data do tempo das cruzadas, nas quaes aquella nação tomou, como é notorio, parte tão directa e tão activa. É celebre na historia d'aquellas famosas expedições o cerco que Balduino I, irmão e successor do grande Godofredo de Bulhões pôz á cidade de Cesaréa na Palestina em 1118.

O patriarcha de Jerusalem apresentando ante os olhos dos soldados a verdadeira cruz alentava o esforço do exercito christão, que se compunha em grande parte de genovezes e de pisanos. Ao valor d'estes auxiliares do novo monarcha da Palestina (abaixo do auxilio divino) é que principalmente se deveu a victoria, longa e porfiadamente disputada pelos mahometanos. Na repartição dos despojos couberam aos genovezes as cinzas do Precursor, que eram tidas em grande veneração pelos sequazes de Mafoma. Tambem houverão em sorte um grande vaso ou prato feito de uma só esmeralda de um valor inestimavel.

A respeito d'este vaso os escriptores ecclesiasticos da Liguria, relatam coisas extrraordinarias, a cujo respeito diremos com o historiador romano: *ea nec affirmare, nec refellere in animo est*. Uns affirmam, que é o prato em que a cabeça do intrepido repreensor de Herodes foi apresentada á vingative adultera; outros não duvidam certificar que é o mesmissimo em que o Salvador comeu o cordeiro paschal na ultima cea. Como quer que seja, o precioso vaso existe na cathedral de S. Lourenço e na mesma Archiepiscopal egreja tem culto pomposo e solemnissimo as cinzas de S. João Baptista, que conjunctamente com elle (segundo se assevera) foram o quinhão de presa adjudicada aos cruzados genovezes depois da gloriosa expugnação de Cesaréa.

A capella dedicada ao sancto Precursor é entre as

muitas que adornam a vasta e grandiosa cathedral, edificada no estylo gothico nos fins do XII seculo, a mais sumptuosa e mais esplendidamente decorada. Marmores exquesitos e de varias côres, columnas, estatuas, balaustres primorosamente trabalhados, tudo indica o apreço que os cidadãos da antiga republica, que outr'ora disputou a Veneza o dominio dos mares, faziam das sagradas reliquias do grande sancto, a cuja protecção ainda hoje attribuem a gloria e riquezas que antigamente adquiriram, e de cujo patrocínio se valem quando experimentam ou receam experimentar alguma grande calamidade. D'esta fervente devoção, e da grande confiança que o povo genovez colloca no patrocínio d'aquelle, a quem o Filho de Deus proclamou o *maior entre os nascidas de mulher*, só pôde fazer cabal idéa quem presenciou a solemne e verdadeiramente edificante procissão das sagradas cinzas, com que elle procurou applicar a ira de Deus, e impetrar a cessação do terrivel flagello da *cholera morbus*, no anno de 1834.

A proposito da capella, onde se veneram as cinzas do sancto Precursor, uma circumstancia merece ser aqui mencionada, e vem a ser, que a entrada n'ella é vedada, *debaixo de pena de excommunhão maior*, a todos os individuos do sexo feminino, sem exceptuar as mesmas princessas da augusta casa de Saboya, hoje soberana do ducado de Genova!

A. J. Viale.

**S. THIAGO E BELZEBUT.****SOLAO.****PROLOGO.**

3067 PORFIAVA c'o demonio

S. Thiago certo dia,

Qual dos dois aposta rija

Mais depressa ganharia:

Tracta-se d'uma donzella,

E dois, que morrem por ella,

De estremada galhardia.

S. Thiago dava ao demo,

Lá no meio do verão,

O seu corcel das batalhas,

Por tres dias, e mais não;

Se o demo áquellas tres almas

De christãs roubasse as palmas

Em noite de S. João.

E o diabo outros tres dias

Ao sancto de Compostella,

Serviria de cavallo,

Tão velóz, qual caravela,

Se o céu entrassem primeiros

Aquelles dois cavalleiros,

Mais a formosa donzella.

Mãos á obra, cada qual

Dos dois valentes senhores

Porfiados se lançaram,

Como bons mantenedores;

E da maneira seguinte

Ambos foram por acinte

Mercê pedir aos amores.

## CANTO I.

ONDE vais dom cavalleiro  
Montado em rijo alazão,  
Com formosa cotta d'oiro,  
Com turbante, e murrião,  
E por legenda no escudo:  
« A noite de S. João. »

A noite de S. João  
Dá no góto ao anafil,  
Estremado lidador,  
Por nome Aben-Boadil,  
Rico senhor dos Algarves,  
Mui acabado e gentil.

Mui acabado e gentil  
Era teu pae, teu avô;  
Em noite de S. João,  
Têdos a morte ôs levou;  
Da crua sina fatal  
Só Boadil escapou.

Só Boadil escapou;  
Mas Boadil tem vinte annos,  
E aos vinte e um é que se cumprem  
Os seus destinos tyrannos:  
Oh! não vás desafial-os,  
Não vás que são deshumanos.

Não vás que são deshumanos;  
Soffreia o teu alazão;  
Despe a tua cotta d'oiro,  
E turbante, e murrião;  
Risca a legenda do escudo:  
« A noite de S. João. »

## CANTO II.

SÁE do castello roqueiro  
Postigo mui recatado;  
Atravessa monte e prado,  
Qual perdido aventureiro:  
Por vereda tortuosa  
Juncto á montanha escabrosa  
Pára o bom do cavalleiro.

« É aqui » disse entre dentes;  
Desmontou-se do alazão;  
E na basta escuridão  
Entra com passos trementes:  
É caverna immunda e fria;  
Reina lá feiticaria  
De negros magos descrentes.

— ¿Que buscas, dom cavalleiro? »  
Brada, com voz de trovão,  
D'entre a espessa negridão  
O barbudo feiticero:  
— ¿Que buscas? » — A minha sina;  
Uma estrella perigrina  
Faz-me aqui teu presioneiro. —

— Tua sina já te dei;  
Já te li o teu condão;  
A noite de S. João  
Legenda foi, que eu gravei  
No teu escudo real. —  
— Essa legenda que val,  
Se eu jámais a decifrei!

Dom feiticero, senhor,  
Minha sina, e meu condão! ?  
Estala-me o coração  
De saudades, e de amor:  
Vejo em sonhos uma bella,  
Vejo em sonhos uma estrella,  
Vejo em sonhos uma flôr.

Tem madeixas d'oiro fino,  
Olhos asues, que me matam,  
Tem uns seios, que retratam  
O candor alabastrino:  
Tenho presos meus cuidados,  
Meus transportes enleados  
N'esse gesto perigrino.

Dom feiticero, senhor,  
Se é real essa visão,  
Dá-m'a para o coração;  
Que para os olhos é dôr  
Vêl-a, mas não a lograr:  
Quero aqui mesmo acabar,  
Ou vêr a fim d'este amor. —

## CANTO III.

## Feiticero.

Belzebut, dom Belzebut,  
Põe aqui a tua mão,  
Pelo Alborah de Mafoma,  
Por este signo saymão,  
Vês aqui dom Boadil,  
Quer saber o seu condão.

## Diabo.

Boadil ha-de logral-a  
Em noite de S. João.

## Feiticero.

¿Onde vais dom cavalleiro?  
Não acabou teu condão:  
Falla mais dom Belzebut,  
Dom Belzebut besuntão.

## Diabo.

Boadil ha-de logral-a  
Em noite de S. João;  
Ha-de logral-a na tumba,  
E morto, que vivo não.

## Feiticero.

Não desmaes, cavalleiro,  
Falla mais, dom besuntão.

## Diabo.

Vão d'aqui noventa dias  
Á noite de S. João:  
Se n'esses dias noventa  
Na tua espada pões mão,  
Nunca mais teus olhos pretos  
Seus asues olhos verão.  
Fazes annos vinte um  
Em dia de S. João;  
Acabou-se á meia noite  
Tua sina, teu condão:  
Mas se antes da meia noite  
Pões na espada a tua mão,  
Nunca mais teus olhos pretos  
Seus asues olhos verão.

## Feiticero.

Não desmaes, cavalleiro;  
Falla mais, dom besuntão.

*Diabo.*

S. Thiago de Galisa,  
 Sancto de boa feição,  
 Ha lá torneios, e festas  
 Em dia de S. João:  
 Vae direito a S. Thiago,  
 Dom Boadil; e mais não  
 Passarás por passos d'armas,  
 Vencerás o guardião;  
 De que modo não t'ó digo,  
 Mas com armas isso não.  
 Vencerás os do torneio,  
 Estremado campeão;  
 Terás o premio da lide,  
 Mas com armas, isso não.  
 O premio d'esses recontros  
 Dois asues olhinhos são:  
 Boadil, has-de logral-os  
 Em noite de S. João.  
 Mas se antes da meia noite  
 Pões na espada a tua mão,  
 Nunca mais teus olhos pretos  
 Seus asues olhos verão.

*Feiticeiro.*

Dom Boadil dos Algarves,  
 Acabou-se a tua sina.  
 Corre, corre, cavalleiro,  
 Essa estrada perigrina.

## CANTO IV.

Vae seguindo o seu caminho  
 O valoroso romeiro;  
 Ninguem os passos lhe véda,  
 Thé ao castello roqueiro,  
 Onde tem seu passo d'armas  
 Dom Fuas o cavalleiro,  
 Que jurou vencer no encontro  
 Todo e qualquer passageiro.

Traz o retrato pendente  
 De Elusinda, seus amores,  
 Atado á rija coiraça  
 Por dois finos passadores.  
 Boadil attenta n'ella;  
 Rompe, iroso, em vãos clamores:  
 « Ai de mim! eis o meu sonho,  
 « Minha bella, meus amores. »

*Boadil.*

Lidador, quem quer que sejas,  
 Eu não posso batalhar;  
 Dá-me espera de tres dias,  
 Que eu te virei demandar:  
 Vou-me ao sancto de Galisa;  
 Por Deus, deixa-me passar.

*Dom Fuas.*

Romeiro, quem quer que sejas,  
 Comigo vem guerrear.

*Boadil.*

Lidador, eu tenho brios,  
 Tenho forças de leão;  
 Deixa bater meia noite  
 Em festa de S. João;  
 Que eu virei vencer por ella,  
 Que eu virei dar-te razão.

*Dom Fuas.*

Romeiro, quem quer que sejas,  
 Segura-te em teu arção.»

N'isto enresta a lança esguia,  
 E arremette c'o romeiro.  
 Boadil finca as esporas  
 No seu ginete ligeiro,  
 Salva n'um pulo a estacada,  
 Furta o corpo ao cavalleiro;  
 E alto brada: Á meia noite  
 « Serei na liça o primeiro. »

« Dom traidor, dom vil, dom fraco!  
 Brada dom Fuas em vão.  
 Eil-os ambos a correr  
 Apóz o mesmo condão.  
 — Á liça, á liça, por ella,  
 Em noite de S. João;  
 Á liça, flôr de meus olhos,  
 Olhos de meu coração!

## CANTO V.

GENTIL torneio se apresta  
 Por dona Elusinda bella,  
 Na cidade padroado  
 Do sancto de Compostella.  
 Quem vencer inteira a lide  
 Gosará favores d'ella.

Vem um guerreiro, e mais cento;  
 Nenhum á dama agradou:  
 Thé que entra o moiro valente;  
 E Elusinda lhe acenou.  
 Mas o moiro quéda estatua,  
 O moiro não batalhou.

Vem-lhe emtórno os lidadores  
 Suas lanças enrestar;  
 Vem-lhe as zagalas mil lóas  
 Do S. João descantar;  
 Vem-lhe as damas do torneio  
 Os seus ramos offertar.

Estatua quéda o guerreiro;  
 E estatua lá era ainda,  
 Com os olhos enlevados  
 Na sua dona Elusinda,  
 Quando na arena dom Fuas  
 A sua carreira finda.

Vem dom Fuas derramado,  
 E mal avista Boadil,  
 Assim c'os olhos suspensos  
 Na sua dama gentil,  
 Tira o montante; e d'est'arte  
 Grita ao pasmado anafil:

« Á fé que não, dom Moirás,  
 « Á fé que te hei-de matar;  
 « Á fé que d'essas entranhas  
 « A vida te hei-de arrancar;  
 « Á fé que hei-de il-a em pessoa  
 « A Belzebut entregar.

« Nem dom Jupiter no céu,  
 « Nem no inferno dom Plutão,  
 « Nem S. Thiago na terra,  
 « Nem o teu negro alcorão,  
 « Podem salvar tua vida,  
 « Podem suster minha mão. »

N'isto o fulgido montante  
 Aos ares alevantou,  
 Sobre o pulso do anafil  
 Raivoso descarregou  
 Fino golpe, que do braço  
 Valente mão decepou.

¡Valente mão, — tão valente!  
 ¿Qual ha ahí que o fosse mais?  
 Dona Elusinda a carpir-se  
 Derramava tristes ais:  
 — Meu anafil, meu dom moiro,  
 Quem não te víra jámais! —

Ergue de novo o montante  
 O desalmado infanção;  
 Ergue-o de novo. . . . . Eis retumba,  
 Como o ronco de um trovão,  
 Meia noite pelos bronzes  
 Da torre de S. João.

« Meia noite! meia noite! »  
 O cavalleiro exclamou;  
 Ergueu-se como um leão,  
 De seu alfange travou;  
 Duro golpe do montante  
 Com a lamina aparou.

Aparou-o, e com tal arte,  
 Que o montante se partiu,  
 Saltando a ponta quebrada  
 Tão longe, que se não viu.  
 Immoel ficou o alfange,  
 Immoel; — nem se buliu.

« Real, real! » brada a liça,  
 « Real por dom Boadil! »  
 Nada attende; — e só e' um braço  
 O derramado anafil  
 Os campeadores investe,  
 Mata oitenta, e vence mil.

Jaz apagada com sangue  
 A fogueira veladora;  
 E já desponta no oriente  
 A azul estrella da aurora,  
 Quando morre no anafil  
 Toda a sanha lidadora.  
 Tinha á cinta charpa d'oiro;  
 A charpa desenrolou,  
 Mil oitenta e um escudos  
 Todos n'ella os enfiou;  
 Mil oitenta e um escudos  
 Aos pés da dama atirou.

## CANTO VI.

DONA Elusinda a sorrir-se  
 Estendeu-lhe a mão formosa,  
 E imprimiu-lhe um beijo ainda  
 Com os seus labios de rosa.

É de balde; — cerra os olhos,  
 Sólta um ai o cavalleiro;

Esvaiu-se-lhe a existencia  
 Por esse ósculo primeiro.

Com a voz semi extincta  
 Chamou defuncto por ella:  
 — Quero ser christão nos braços  
 Da minha Elusinda bella. . . . .

Gelou-lhe a morte a palavra.  
 Elusinda estremeceu;  
 Do seu converso nos braços  
 Tambem chorando morreu.

E quando ao sacro jazigo  
 Os dois amantes levaram,  
 Dom Fuas, anachoreta,  
 Já n'uma cova encontraram.

## EPILOGO.

S. Thiago n'este dia,  
 Seu corcel deixando atraz,  
 Passeou pelas batalhas  
 A cavallo em Satanaz.

J. Freire de Serpa.

## NOTICIAS.

## COMO SE CRIAM PRINCIPES HOMENS.

3068 Já para ninguem de Portugal póde ser novidade o desvello e primor, com que SS. MM. Fidellissimas criam e educam a seus filhos, os quaes, segundo informam quantos os teem contemplado, estão sendo pelo seu desinvolvimento intellectivo scientifico, moral e religioso, exemplares, muito para ser propostos ás nobillissimas invejas e imitação da puericia. Sobre intenderem e fallarem correntemente o portuguez, o francez, o inglez e o allemão; conhecerem, nomearem e explicarem uma desmedida quantia de plantas e animaes, segundo ao acaso se lhes offerecem taes estampas nos livros de historia natural; estarem senhores dos primeiros rudimentos da religião catholica, e praticarem para com todos os da mais estreita civilidade, cultivam tambem, sob os olhos de seus augustos paes, os exercicios, que desinvolvem as forças e destresa corporal.

Em uma carta, que de Cintra nos escreve pessoa fidedigna, se lê: —

« Assistindo nos dias 7, 8 e 10 do corrente aos  
 « exercicios do destacamento no real paço, no campo  
 « dos *Sitiaes*, onde foram presentes SS. MM. e AA.,  
 « gosámos de um espectáculo muito novo e muito lin-  
 « do: e foi vermos o nosso principe real e o Sr. in-  
 « fante D. Luiz, formados á direita do destacamen-  
 « to, com as suas espingardas, fazendo conjuncta-  
 « mente com os soldados todas as manobras, ora dei-  
 « tados no chão, ora com o joelho em terra, ora a  
 « marcharem e a contramarcharem e até a marche-  
 « marche: e sobre tudo o que nos espantou foi vê-los  
 « assistir ao exercicio de fogo, que foi no dia 10, no  
 « qual elles mostraram a sua affoitesa, pois não só  
 « não tinham medo dos tiros que juncto a elles davam  
 « os soldados, mas até disparavam as suas armas,  
 « que um official lhes carregava, esperando a voz do  
 « commandante do destacamento para pontualmente  
 « fazerem fogo. »

« O principe, apesar de não ser tão robusto como o

« infante D. Luiz, não cançava, pelo contrario corria tanto como um soldado, porém no exercicio do fogo distinguiu-se o infante D. Luiz pela rapidez com que o fazia. »

« O Sr. infante D. João tambem andava de espingarda apropriada á sua idade indo pela mão do camarista de semana, atraz dos soldados mas como é muito pequenino, quando ouvia o fogo tinha medo e fugia para o pé da mãe. »

« El-Rei conhecendo o desejo dos principes, dizem que quer que continuem estes exercicios, para lhes servirem de eschola. »

\* \* \*

#### BOM PRESENTE A EDUCADORES.

3069 Com muito gôsto havemos lido e meditado um volume de perto de 200 paginas em oitavo, com o seguinte titulo: — *O menino perdido: romance instructivo, civil e christão, engenhosamente escripto em estylo familiar e accommodado a todas as intelligencias para servir de compendio de boa educação. Obra reccommendada pelas maneiras, suavidade e ternura que inspira toda a sua doutrina; pelos prudentes conselhos, que dá, especialmente nas cartas; e até pela pureza e correção de linguagem; composta por um virtuoso sacerdote, exímio em litteratura, e consumado em prudencia, fructo de uma experiencia octogenaria: publicado por um seu amigo, e offerecido aos educadores da mocidade e em especial ás boas mães de familia.* Porto: *typographia de Faria Guimarães.* 1844.

Não sabemos se esta obra é original, ou traduzida do francez e accommodada para cá, segundo por leves indicios algumas vezes nos quiz parecer. Se traducção é, damos os parabens ao traductor, que nos parece ella uma das menos viciadas que n'estes ultimos tempos se tem feito. Se é portugueza nativa, dobradamente os damos ao benemerito religioso, de quem até o nome nos é occulto, por haver feito ás familias e á sociedade um d'aquelles serviços, que abrangem a todos os tempos, e a que muitos individuos vem depois a dever a sua felicidade.

*O menino perdido* é uma especie de novellinha muito singella, conchegativa e affectuosa, muito accessivel a toda a qualidade de entendimentos, quer illustrados quer não, muito judiciosa, didactica sem pedantaria, moral sem sequidão, religiosa sem bisnhece. O pae mais instruido depois de a ler, fal-a-ha reter por sua mulher, esta por seus filhos; e tanto os filhos, como a mãe, como o pae haverão colhido, d'entre o recreio, dictames praticos bem são e bem persuasivos, de que muitas vezes se aproveitem. A boa e má educação apparecem contrapostas por um modo tão sagaz, que o espectador invencivelmente se afeiçãoá á primeira, já por sentir o seu intrinseco valor, já por estar, ora adivinhando, ora palpando os seus optimos resultados. A litteratura da Inglaterra e a da Allemanha e, mais que ambas ellas, a franceza, contam um grande numero de escriptos d'este genero, consagrados ao progressivo aperfeiçoamento da nossa especie; mas a nossa imprensa, occupada com tonterias, quando o não é com immundicies bestiaes, nem produsido tem, nem sequer reproduzido d'estes antidotos para os avenenados, d'estas vaccinas para os ainda intactos do contagio.

Viva pois *o menino perdido*, que a muitos livrará de o virem a ser. Oxalá que alguns bons ingenhos,

excitados por esta primeira tentativa, se lancem tambem a cultivar campo tão fertil e proveitoso. As bênçãos dos homens de bem e os agradecimentos da posteridade serão a sua recompensa; mas a gloria de ter ousado prégar o amor, a sisudeza, a religiosidade, as virtudes e o contentamento da alma no meio dos bacchanaes typographicos, que, nos aturdem, essa, ainda que outros venham aliás a excedel-o, ninguem já a tirará ao modesto religioso, que, passando e vendo a miseria do seu seculo, lhe lançou christãmente a esmola sem se descobrir.

#### CONTAGIO DE BEXIGAS.

3070 Em Lisboa e muito mais por alguns logares dos seus arredores estão as bexigas, ha tempos, fazendo deploraveis assolações, sem que nem esta terrivel licção demova a muitos paes, brutos ou criminosos, da sua ferrenha obstinação contra a vaccina: antes concorrendo talvez, para n'ella os corroborarem, os mentidos e mal observados ou exagerados factos, que entre os rústicos se referem, de meninos, que, depois de vaccinados, foram tambem accommettidos pelo contagio e succumbiram.

Posto seja hoje opinião corrente entre bons medicos, que a vaccina não é preservativo infallivel, e que muitos aconselhem o repetir-se a operação de annos a annos, ninguem, sensato e de boa fé, duvida com tudo da sua immensa e quasi universal efficacia.

Pelo que á instituição vaccinica de Lisboa, mais do que a ninguem, tocava, segundo nos parece, o solicitar e impetrar do governo, que por todos os modos directos e indirectos, com suasorias, premios e castigos, pelos governadores civis, administradores de concelhos, prelados, parochos e facultativos de todo o reino, se fizesse chegar até aos ultimos recantos e individuos d'elle este milagroso presente da Providencia. Aos nossos collegas, os jornalistas, nada pedimos, que reccommendem, com medo de os escadalisarmos. Um d'elles, hoje 17, nos significa pela bocca de um seu correspondente (o qual acha não valer a pena assignar o seu nome) — que não lhe apraz que tractemos, nem de agricultura, nem de theologia, nem de poesia, nem de latim, nem de homicidios, nem de suicidios, nem de duélos, nem de doutrina christã, nem dos successos que occorrem, nem dos grandes crimes que se commettem, e nem sequer de *carne assada*. Talvez que a vaccina se compreenda tambem (como o assignar o seu nome) na immensa lista das coisas de que não gosta: sobre isso é que não póde haver disputas. O que pedimos ao amavel redactor é, que nos obtenha do litterato, seu correspondente, o rol das coisas que elle acha boas, e a tabella prohibitiva da sua alfandega intellectual. Estamos resolvidos a fazer-lhe em tudo a vontade, ainda com o manifesto risco de desagradarmos aos nossos costumados e numerosissimos leitores: o que só reccommendamos ao nosso collega, e ao collega d'elle é, que em lhes appetecendo interter-se com a *Revista Universal* (que nunca jámais com elles se interteve) seja fallando-lhe directamente, e não quando esgrime com outro jornal, com que a *Revista* nada tem de commum, e, em que por ser de politica, o redactor da *Revista* nem accidentalmente collabora, salvo em artigos pura e exclusivamente litterarios, como as *venturas de um millionario* (de que o anonimo tambem não gosta, o que

muita pena nos faz), ou em uma ou outra noticia, curiosa, mas no principal e na fórma, completamente alheia ás discussões governativas.

Perdoem-nos os nossos leitores esta digressão, que, se podia ser mais ampla, na verdade devia ser mais curta ou nenhuma.

#### SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS.

3071 A SOCIEDADE das Sciencias Medicas de Lisboa, conforme aos seus estatutos e ao seu costume inalteravelmente seguido, celebrou domingo 16 a sua sessão annual e solemne. A estada de S. M. El-Rei em Cintra a privou de ter n'este acto a presença do seu augusto protector, que nunca aliás em taes actos costuma faltar.

Depois de lida pelo segundo secretario uma concisa e interessante relação do anno findo, mostrando que a benemerita sociedade não tem deixado de promover com grande credito seu o publico interesse no tocante á saude, relação que foi ouvida com tanto praser como gratidão, o presidente o Exm.<sup>o</sup> Sr. José Maria Grande leu um importantissimo discurso sobre graves e difficultosos pontos d'alta philosophia phisiologica, de que não só estmedicos, mas todos os assistentes, pareceram summamente satisfeitos, pela grande luz que o auctor soube radiar até ás mais altas profundezas da sciencia, pela vastidão dos conhecimentos que desinvolveu acerca dos phenómenos vitaes da *Fauna* como dizem, e da *Flora* universal, e pelas galas de estylo com que as mais aridas e esquivas doutrinas lhe saíam adornadas: meritos e bellas não communs que elle soube ainda realçar por aquelle dom de excellente e sympathica declamação que todos lhe conhecem: não é possível darmos hoje uma idéa mais cabal d'um discurso ouvido apenas uma vez e que muito perderia em ser imperfeitamente minutado.

#### NECROLOGIO.

JOSÉ MARIA DE MELLO FALCÃO, D. EMILIA AUGUSTA TRIGOSO DE MELLO.

Beati immaculati in via

Psalm. 118

Deus charitas est: et qui manet in charitate in Deo manet, et Deus in oe.

Joann. cap. 1.

Quelque accoutumé que soit notre esprit à la nécessité de la mort, cependant nous sommes toujours frappés d'étonnement lors que s'éteint quelqu'un de ces hommes rares dont la vie toute entière, animée par un fervent amour du bien, a été employée dans l'exercice constant de la vertu et de la charité.

*Necrol. de Audry.*

3072 Ha poucos dias ainda, que um par formoso entre todos; sympathico e unido como poucos, gosava amplamente de todos os bens da terra e de todos dons do céu: eram os Exm.<sup>os</sup> Sr. José Maria de Mello Falcão e D. Emilia Augusta Trigoso de Mello.

Fizera-os Deus semelhantes na idole excellente — fizera-os o amor participantes do mesmo destino invejavel. Ambos na flor da idade, ambos ricos de vigor e de esperanças, pisando ambos, enlevados no seu mutuo affecto, o caminho de todas as prosperidades. Era a vida para elles uma como socegada navegação n'um mar sem perigos, sob um céu sem nuvens. O posto commum a que vão dar todas as existencias es-

tava — muito longe — tão longe que mal o podia avistar o pensamento. Nem arrecifes traiçoeiros, nem vagas enfurecidas, nada: mar e céu — esplendido céu d'amor — um placido e liso mar de venturas — umas aguas serenas e transparentes como um espelho, atravez das quaes se viam todas as probabilidades do futuro.

Que futuro!

A Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Augusta Trigoso de Mello era filha do nosso illustre Academico Sebastião Mendo Trigoso, e sobrinha do sabio e honrado Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, cujo nome é ainda saudosamente repetido por todos os cultores das boas lettras, e por quantos ainda se lembram de o ter visto resplender na tribuna politica pela sua profunda e erudita eloquencia: o Sr. José Maria de Mello Falcão não tinha menos importante ascendencia.

Nada lhes faltava portanto; nem justas, esperanças nem gloriosas recordações. Eram da mesma idade com pequena differença. Pouco excederia de trinta annos cada um d'elles. Tinha-os enlaçado o amor, durava ha dez annos, tão vivo como no primeiro dia. Nós, que nos honravamos com a sua amizade, não podemos recordar-nos sem lagrimas da intima e perfeita união que por mais de uma vez admirámos n'aquelle par exemplarissimo.

Septe filhos, quatro meninos, e tres meninas, eram os fructos de um consorcio que já contava, como dissemos, 10 annos de duração e de ventura — eram a alegria, a esperanza d'aquelle sancto affecto — eram, porque assim digamos, a sua perenne reproducção, o alimento substancial com que elle se fortificaria se acaso podesse chegar, alguma vez, a enfraquecer-se.

Tudo sorria pois ao afortunado par. As riquezas da terra posuiam-n'as profusamente; as que tinham em suas almas eram inexgotaveis. A nobreza da sua ascendencia era grande e legitima, mas a dos seus corações era ainda maior. Nenhuma das condições de felicidade lhes faltava. A beneficencia, e a charidade habitavam debaixo dos seus tectos. A povoação do Juncal, onde viviam e onde era a sua caza, toda alli achava occupação e auxilio — a esmolla que não envergonha porque é dada como recompensa d'um trabalho salutar — e o soccorro sem ostentação nem ar de vaidoso favor. Todo o lugar portanto, achando n'aquella caza tão raro abrigo e protecção, respeitava, acatava, adorava os seus donos. A sua beneficencia porém não se limitava a tão pequeno circulo; onde quer que a miseria apparecia lá iam elles estender-lhe a mão valedora. Um seu digno parente recebia todos os mezes em Lisboa alguns mil réis destinados a socorrer mais d'uma familia da capital; e o segredo d'esta charidade era tão piedosa, tão evangelicamente guardado, que só a expansão da dor o revellou agora. Que laudativos discursos podem equivaler a este simples facto?

Ao sentimento da felicidade junctava-se-lhe o testemunho da consciencia pelos infortunios que atenuavam. Que podiam pois desejar? Saude, mocidade, riquezas, virtudes — que mais completa reunião de favores da Providencia!

Ai! incertezas do mundo! O vento da morte soprou sobre este apertado feixe de venturas, que tudo affiançava ainda tão esperanças de longos annos, e em alguns dias, em horas, n'um momento dispersou-as — desfeitas em pó, em fumo, em nada!

Na hospitaleira casa do Juncal, habitação de paz e felicidade, só reinam hoje a consternação e o lucto. Os seus tão moços e chorados donos succumbiram ambos á mesma doença — a uma violenta escarlatina. Eguaes viveram: eguaes morreram. Unidos sempre na vida a morte foi, ao menos piedosa, não os quiz desunir. Nenhum d'elles soube do fim do outro. N'aquella suave ignorancia foram encontrar-se na patria das eternas consolações, onde não ha tristezas: exemplarmente ligadas na terra, as suas almas voaram a ligar-se para sempre no céu. Assim acabem todos os que verdadeiramente se amam no mundo.

De tamanhas, de tão esplendidas venturas não restam já senão lagrimas e saudades — amigos sinceramente magoados — septe orphãos inconsolaveis — e uma povoação inteira ainda mais cheia de orphandade do que elles, porque as duas sepulturas, que hoje inunda com os seus prantos, lhe encerram todo o bem, toda a riqueza e porventura toda a esperança!

Não acrescentaremos elogios. Onde os haverá maiores e melhores, do que no espectáculo d'aquella afflicta povoação, chorando inclinada sobre o sepulchro semi-aberto dos seus bemfeitores, e ferindo angustiadamente os ares com os soluços da sua dôr? Falta-lhes a sua alegria, o seu arrimo, o seu remedio.

O lugar do Juncal é ainda hoje o predilecto asylo da dôr profunda. Não é lá que se hão-de agora ouvir os gritos alegres da infancia emtorno da fogueira crepitante — nem as folgasãs palestras, os votos ingenuos e as mais ingenuas esperanças da mocidade amorosa n'estes tão pictorescos e tão nacionaes festejos do nosso bom S. João — nem tão pouco os indulgentes sorrisos dos anciãos que applaudem estes brincos tradicionaes com as discretas saudades do seu tempo: não por certo. A chaga está ainda viva; as saudades são outras, não consoladoras, não suaves, mas acerbos, pungentes, incomportaveis. Se nos é licito transpor distancias, d'aqui vemos, em lugar das herdadas alegrias d'este tempo, a mocidade e a velhice confundidas no mesmo cruel pezar — d'aqui vemos as mães consternadas refrearem as tentativas innocentes dos que ainda não sabem o que são penas do coração, levarem-n'os ao pé do novo tumulo, e ensinarem-lhes a balbuciar os nomes e os louvores dos que alli repousam, e junctamente com aquelle nome e aquelles louvores os testemunhos do seu reconhecimento. Se n'essa terra houve ingratos, será possivel que os haja agora?

O hymno da innocencia e do agradecimento é o mais formoso de todos os canticos, que se possam entoar sobre uma sepultura. Agregar-lhe uma só palavra fóra quasi sacrilegio. Deixemol-o pois subir puro e desembaraçado aos pés do Eterno.

! Honra e paz na terra ao illustre par que a morte derrubou tão cedo!

! Gloria e recompensa no céu segundo os seus meritos. !  
! Possa a flôr da saudade crescer-lhe permanentemente sobre o seu tumulo, como a nós se nos arreigou no coração!

Choramos-lhe sómente o lucto e o abandono que deixou; mas longe de o lastimarmos pelo seu fim, quasi que o invejamos.

Assim acabem todos os que verdadeiramente se amam no mundo!

Loires 17 de junho de 1844.

Mendes Leal Junior.

#### ESPARCETO.

3073 Do dia 27 do corrente mez de Junho por diante, achar-se-ha á venda no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense*, a semente do sainfoin, ou esparceto, colhida já este anno, e mui bem secca: preço de cada alqueire 800 rs.

Desde já se adverte que havendo muitas pessoas que a tinham encomendado, não se conservando os seus nomes e não se sabendo a quantidade que cada um pertendia, os 150 alqueires, que pouco mais ou menos será a totalidade de que se pôde dispor, se venderão a quem primeiro apparecer.

Aos compradores se entregará gratis uma instrução do modo de a semear, colher etc., que a *Revista* publicou em o n.º 1.º do 2.º volume de 22 de setembro de 1842.

#### POESIA ÉPICA.

3074 LEMOS inteiro com o seu prologo, notas e documentos o poema, em quatro cantos, que o Sr. A. L. Gentil deu á luz com o titulo — *O dia 11 de agosto de 1829, ou a victoria da Villa da Praya*; um volume em oitavo de 105 paginas; efferecido ao Exm.º Duque da Terceira.

Não nos parece o assumpto mal escolhido: a historia ahí é grandiosa: os heroes, posto que todos os conhecessemos e estejam ainda vivos (o que para a poesia épica e dramatica é um terrivel desconto), teem uma importancia assás consideravel; e se não podemos ver n'elles gigantes, sentimol-os poetisados pelo extraordinario das circumstancias, pela fé robusta com que mantiveram acceso o fogo da esperanza, pela enorme desigualdade da lucta em que se empenharam contra um reino e muitos reis, pela felicidade, merecida felicidade, com que amarraram ao seu carro de triumpho os destinos vencidos e humilhados; mas é nossa opinião, que este magnifico assumpto carecia de ser tractado de mui diverso modo.

As Astreas, os Joves e os Plutões misturados com os Euzebios Candidos, Villa-Flores, e Juntas Provisorias teem um não sei quê de repugnancia e mutua profanação, que dá a lembrar o extravagante poema de Parny. As ficções mythologicas nunca podem ser atavios de uma verdade contemporanea; e, quando n'ella se antromettem, podem auctorisar, aos que a não conhecem a pensar que o poeta, similhante ao Simonides antigo, não elogiou a Castor e Pollux senão porque no seu heroe não achava sufficiente cabedal para o seu encomio; — e realmente; que figura faz o Exm.º Duque da Terceira, quando no quarto canto o vemos coroado de loiros pela mão de Flora, no meio de um jardim do Parnaso, onde as decrepitas musas por ordem de Jupiter o vão festejar! Que significam os outros militares, e nomeadamente o batalhão de voluntarios da rainha, postos no mesmo sitio impossivel, e engrinaldados por entes que nunca existiram!

As musas com as nymphas misturadas

Quasi a um tempo as fronte contornavam

D'outros, que por acções assignalladas

Dignos de ser c'roados se mostravam:

Heroico ardor, façanhas elevadas,

Na balança de Themis se pesavam;

Obtendo os voluntarios aguerridos

Maior apreço, premios mais subidos.

*Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.*

Qual de nós, vendo passar algum dos nossos amigos, ex-voluntarios da rainha, ahí por uma rua d'essas com o seu chapéu redondo e o seu charuto na bocca, se não rirá, figurando-o sentado n'uma pedra do Parnaso, lá na Grecia onde elle nunca se lembrou de ir, e uma ou duas nymphas em pé, todas affervoradas a toucal-o, não como Mr. Julien a qualquer mandrião, mas como aias muito serviças a uma noiva que se vae receber! todos se ririam e o poeta primeiro que ninguem, pois que possui uma imaginação viva, que lhe deve encarecer o bruteseo de tal figura.

Este defeito grave, e porventura o mais grave do poema, não se ha-de porém attribuir tanto a destemperado gôsto do auctor como á necessidade, em que elle suppoz que o titulo de sua obra o constitua, de mover a sua acção pelos guindastes mythologicos, e de não defraudar o seu poema de *machina*, parte muito essencial, como ensinavam Pedro José da Fonseca e todos os outros preceptistas velhos; até a forma de estancia, ou oitava rima, adoptada pelo Sr. Gentil, ajuda esta explicação com que entendemos, de certo modo, desculpal-o. Com a rima dos *Lusiadas* e da *Ullisséa*, veio por assim dizer, adherente o *Olympo*, que lá brilhava, e o poeta o recebeu, não porque o approvasse no seu juizo, mas porque se não permitiu julgal-o.

Se esta primeira produção do Sr. Gentil nos não revellasse n'elle qualidades apreciaveis; muito bom ouvido para a cadencia metrica; facilidade, naturalidade e ás vezes felicidade de rima; estylo com certa energia, rapidez e clareza; e uma phantasia, a espaços, viva e brilhante, não nos demoraríamos tanto em o censurar: a defunctos não costumamos fazer esfregações. Como porém elle pôde (e nós lh'o desejamos) continuar a exercitar-se na poesia, afoitamos a communicar-lhe o nosso pensamento particular sobre esta especie de narrações.

Concedido que um acontecimento dos nossos dias, da nossa terra, dos nossos amigos e parentes, conhecido com todas as suas circumstancias nos botequins, nas tabernas, nas lojas dos barbeiros, onde duzias e duzias de periodicos o repetiram conforme souberam, pôde ser cantado, ou fallando humanamente, pôde ser relatado em versos com a nobreza e decencia que elles requerem, concedido isto, (que para nós não deixa, ainda assim, de involver suas durezas) dois extremos sobre tudo se hão-de evitar, — a mentira absurda dos ornamentos velhos, e a dissaborosa e prosaica verdade de certos accessorios, nomes proprios e tecnologia ainda não consagrados pela posse do estylo nobre. Deve-se dar a realidade, mas affeioada e ageitada, contando d'ella tudo quanto fór vulgar e mesquinho, ou o parecer, e não a acrescentando com massas sobrepostas, mas, só onde convier e com muito tento, soprando-a (permitta-se-nos a expressão) por dentro para a avultar. Um poucoebinho de exaggeração nos affectos ou nos pensamentos soffra-se e queira-se: não se ha-de ser mais severo com os poetas do que se tem sido com os historiadores; — mas por isso mesmo que tal se lhe permite para nobilitação, não venham desfazer-lhe o effeito certos nomes, certas phrases, certas idéas, ou certas allusões, que nos atiram demasiadamente para a vida prosaica, para as reminiscencias dos livros da porta das secretarias ou das fallas dos diarios das camaras.

Sem querermos tirar os seus logares a Homero, Virgilio e Camões, que sempre hemos de reler com o maior gôsto, diremos atrevidamente, que não são elles os modelos para imitar na poesia épica moderna, O poema *Napoleão no Egypto* por *Barthélemi* e *Méry* é, quanto a nós (não obstante peccar alguma vez em trivialidades), o melhor modelo.

#### TREMOR DE TERRA.

3075 Um correspondente de *Faro* nos escreve com data de 7 do corrente. — «No dia 6 pela uma hora e 45 minutos da tarde, correndo vento sudoeste, viração, deu um repellão e sentiu-se um grande balanço da terra na direcção de sudoeste para léste, sem precedencia alguma e com céu claro: desvaneceu-se o susto por não haver repetição.»

#### TESTA DO DIABO.

3076 Não ha poeta epico, que não tenha encarecido n'uma comparação, mettida para alli á força, a valentia das marradas dos touros, quando em maio o cio os faz brigar pelo amor de uma novilha. Todos esses extremos dos duellistas touros, cantados em pomposas rimas, ficam a perder de vista, diante do que hoje fiseram no campo de St.<sup>a</sup> Anna dois touros, não de poeta, mas de rico lavrador, o Sr. *Rafael José da Cunha*; não por amor de uma vacca, mas por occasião do beneficio dos pobres do asylo, e dos arrematantes, ou, por melhor dizermos, dos arrematantes e dos pobres do asylo...; e não finalmente por zelosos, mas por escandalizados com a recente embolação.

N'essa obra se andava, e eram 8 horas da manhã. Um dos animaes, estava já no meio da praça prompto, isto é, desarmado para o combate da tarde, quando outro a quem se acabava de fazer a mesma operação, abrindo-se-lhe a porta, e saíndo ao terreiro, deu com os olhos n'elle. Ignora-se o que n'aquella vista lhe faria ferver o seu sangue de boi: o que se sabe, é que nem a cólera do estomago de Achilles, de que falla Homero, igualou á que de repente se accendeu em todas as pregas da dobrada do bicho. O que estava, calculando pela carranca do recémvindo a trabusana, que o esperava, assentou em que era melhor fazer das tripas coração, e as duas oppostas carreiras se despediram quasi ao mesmo tempo.

Com tamanha furia iam ambos levados, que encontrando-se a meio caminho, e batendo estrondosamente uma contra a outra frente, o verdadeiro aggressor recuou sem querer alguns passos, emquanto o aggreddido deu uma rapida volta em redondo: um segundo choque, mas mui leve, que o seu adversario lhe pregou n'um lado, o fez tombar, e estirar-se... Tinha cessado para sempre de dar e levar marradas: tinha expirado.

A sua cabeça (todos os curiosos que desceram a apalpar-h'a, pôdem dar testemunho da verdade), a sua cabeça de ferro estava amassada, e toda descolada, e desconjuncta pelas suturas dos ossos do craneo. Uma bala de artelharia difficilmente houvera feito mais rapida e accada obra. Para avaliar a rigesa prodigiosa da triumphal cabeça do matador, lembremo-nos de que a ferina caveira, que a sua desfez n'um sópro, era uma d'aquellas, que tantas vezes se tem visto partir de um truz, um pilar de pedra quadrado, de palmo por banda, e fracassar, como uma palha, e

parapeito de uma trincheira com os grossos barrotes a que está pregado.

Deus livre a qualquer christão de encontrar n'um caminho a um d'este valentões dos poemas epicos!

— Restauração. —

**UM MOYSÉS COM MENOS FORTUNA.**

3077 TERÇA-FEIRA, 11, viram os do breu, que trabalhavam no arsenal da marinha perto da agua, vir passando, rio abaixo e juncto da terra, uma panella tapada; conseguiram apanhal-a, e acharam dentro o cadaverzinho pallido e frio de um recém-nascido. Na mesma praya, em que aportou, o sepultaram e com o mesmo miseravel esquite, que o trouxera,

— O PERDIDO ACHADO. —

3078 O SUGITO, que a 10 do corrente desaparecera deixando a seus irmãos uma carta, em que sedespedia para o outro mundo (vede o artigo 3055), não chegou felizmente a ser victima da sua fatal melancholia.

Tinha atravessado o Téjo para Cacilhas: alli dois estranhos, suspeitando pelo desconcertado e insolito da physionomia, a allucinação que o fascinava, detem-n'o, e seguram-n'o.

Pessoa de sua familia, que, chamada para ahi por alguns indicios, não tardou em apparecer, reconhece-o, abraça-o, convence-o, e reconduz-o para casa; onde ainda jaz de cama, sem que a tristeza se lhe haja diminuido, e sem que pessoa alguma de fóra, nem as do seu mais intimo tracto, possam entrar a vê-lo.

Espera-se que os desvellos assiduos, de que é cercado, e o tempo o chegarão a restabelecer.

— AS FILHAS PRÓDIGAS. —

3079 Não ha muitos dias que um pobre homem, morador d'esta cidade e violeiro de officio, viuvo e com tres filhas, experimentou das maiores penas, com que a dita de ser pae se pôde descontar.

A mais velha de suas filhas, que nem era velha, nem feia, nem rigorosa segundo se viu, indusida por um amante, acabava de desamparar a casa paterna; quando a segunda, ou tentada do exemplo ou do amor, ou não podendo presenciar a consternação do velho e as maldicções que choviam sobre a cabeça ausente de sua irmã, desapareceu egualmente sem deixar dicto, nem escripto, nem suspeitado para onde ia: subiu a desesperação do orphanado mestre ao ultimo ponto, e saiu para as procurar por todas as partes, depois de declarar cholérico á mais nova, sabedora e consentidora quanto a elle das duas escandalosas deserções, que se ás mãos não colhesse as auctoras da sua vergonha, sobre a cúmplice cairia severa e tremenda toda a sua vingança. — Foi, andou e desandou; nada descobriu: tornou-se a casa.

A ultima tinha tambem desaparecido, postoque não como as primeiras, nem pelo mesmo motivo. O medo só a havia affugentado e tinha ido procurar asylo em casa, e entre os braços de uma tia muito amada.

Dizem-nos (sem comtudo nol-o affirmarem) que até hoje só esta voltou para o pé de seu pae, que emvez de vingar n'ella os seus desgostos, n'ella pelo contrario reune todos os quinhões de amor, que as outras pródigas renunciaram.

De outra donzella se falla tambem, que, na vespera de S. António, pelas 11 da noite, fóra vista entrar descalça e com o vestido pela cabeça para casa

de uns estudantes, juncto ao Bairro-Alto, e que a vizinhança, por mais que a espreitasse, nunca mais a viu sair.

— A CARA DA MINHA GERTRUDES. —

3080 A EPIDEMIA mais dominante parece estar sendo a dos desaparecimentos.

Um çapateiro do bairro dos anjos desampara de repente caza, mulher e filhos, não deixando á sua Ariadna, por nome Gertrudes, nem um vintem, com que se remir. Passa-se o dia em suspeitas; a noite em sustos; as seguintes noites e dias em consternação. Marejavam todos os olhos da familia com lagrimas do coração e do estomago. — Procuraram-n'o por toda a parte; deram-n'o por perdido e defuncto: — eis que um amigo topa com elle casualmente; em verdade, u'uma região de espiritos, mas não no céu, no inferno, no purgatorio ou no limbo: mas n'uma tasca, bebendo e comendo alegremente como se acabasse de dar o ultimo lustro a um par de botas feito por sua mão para um monarcha: — perguntado do amigo, (cuja vinda elle festejou com a maior alegria, convidando para que se assentasse e comesse), e instado primeira e segunda vez para que lhe declarasse a causa, porque assim, com tanto desamor, largára a sua companheira e os seus meninos, — levantou-se meio irado contra uma suspeita tão injuriosa para o seu coração; e tornando logo a assentar-se com uma resserenação digna de um Seneca se explicou pouco mais ou menos nos seguintes termos: —

Compadre, cada homem tem lá a sua systema: a minha systema é ser muito amigo da minha Gertrudes que é boa mulher e muito capaz: o compadre bem n'o sabe: pois é, ou não é?! Andava eu a scismar ha muito tempo, cá n'uma coisa, que era verdade; que já me principiava a aborrecer o ver sempre diante de mim a cara da minha Gertrudes: abria os olhos na cama a cara da minha Gertrudes: a cara da minha Gertrudes ao almoço: a cara da minha Gertrudes ao jantar: á cêa a cara da minha Gertrudes: e sempre a cara da minha Gertrudes para qualquer banda, que me virasse. Phelosophiei com os meus botões, o que deveria fazer para me não aborrecer de todo da cara da minha Gertrudes, que isto do amor em se estrompando de véras nem o diabo tem alma de lhe deitar tombas: intendi que o melhor era separarmo-nos por algum tempo, para vermos outras caras, e tornar depois á vacca fria. Aqui tem o compadre, porque eu ando aqui n'este degredo: tambem já não ha-de durar muito.

— Ainda bem, que já as saudades o apertam.

— Ainda mal, que já os vintens se me vão acabando, e não ha remedio senão tornar-me para o tirapé e para a cara da minha Gertrudes.

O amigo o reconduziu em triumpho para sua casa, e pagou com que se fazer a cêa. Pelo que a scena do reaparecimento e da reconciliação não foi falta de um certo encanto.

Á sobremesa o mestre philosopho, (que já tinha no corpo mais espirito, do que Deus lhe déra) provou á sua Gertrudes com razões, de que ella pareceu inteiramente convencida, que muito melhor, lhe ía a ella em lhe elle não querer ver a cara alguns dias, do que, se n'um impeto de quisilia, lh'a desfizesse com umas encospas ou com o primeiro diabo que apanhasse á mão.